

Annette Gorenstein

*PSICOSE NA OBRA DE ARTHUR SCHNITZLER:
UMA ANÁLISE À LUZ DOS CONCEITOS
PSICANALÍTICOS DA VIENA FIN-DE-SIÈCLE*

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Annette Gorenstein

*PSICOSE NA OBRA DE ARTHUR SCHNITZLER:
UMA ANÁLISE À LUZ DOS CONCEITOS
PSICANALÍTICOS DA VIENA FIN-DE-SIÈCLE*

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de
Psicologia, sob orientação do
Prof. Hemir Barição

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Agradecimentos

Ao Prof. Hemir Barição, pela orientação competente e pela convivência agradável durante o desenvolvimento do trabalho.

À Profa. Marina Pereira Rojas Boccalandro, pela orientação na fase de projeto.

Aos professores Hemir Barição, Maria Cláudia Tedeschi Vieira e Deborah Sereno, do Núcleo As psicoses, os sofrimentos psíquicos graves e suas instituições - os paradigmas contemporâneos, PUC-SP, pelas aulas, e do que de bom decorre de aprender.

Aos meus colegas de turma, pela paciência ao me ouvir falar sobre Schnitzler e suas histórias, e, claro, pela convivência nestes anos. Foi ótimo.

*Eu brinco com almas humanas.
Um sentido só será encontrado por quem procurá-lo.
Sonho e vigília fluem um no outro,
Verdade e mentira. A certeza não está em lugar algum.
Não sabemos nada dos outros, nada de nós.
Encenamos sempre, quem sabe disto é esperto.*

Arthur Schnitzler, *Paracelsus*, 1887

"É espantoso que um autor conheça essas coisas!"

Sigmund Freud, após assistir a apresentação da peça *Paracelsus* em 1899ⁱ

ⁱ SEVCENKO, Nicolau *A arte política de Schnitzler e Kubrick*, Jornal "Folha de São Paulo", domingo, 05 de setembro de 1999

Annette Gorenstein, *Psicose na obra de Arthur Schnitzler: Uma análise à luz dos conceitos psicanalíticos da Viena fin-de-siècle, 2010*

Orientador: Prof. Hemir Barição

RESUMO

Arthur Schnitzler (1862/1931), o “duplo” de Freud, foi um romancista e dramaturgo vienense. Foi também médico, com formação em psiquiatria.

Este trabalho analisa a psicose na obra de Arthur Schnitzler, sob a ótica do pensamento psicanalítico da época. O interesse foi investigar *como* e *se* o nascente pensamento psicanalítico influenciou a narrativa.

O trabalho tem três diferentes abordagens. Na primeira, é feito um estudo biográfico sobre Schnitzler, de modo a evidenciar sua formação médica e sua relação com Freud e a psicanálise. Na segunda abordagem são discutidos os principais textos de Freud que tratam da psicose. O objetivo foi realizar um estudo mais dos conceitos relativos á psicose e acompanhar a evolução da psicogênese da psicose na obra de Freud. Finalmente, uma obra de Schnitzler é analisada á luz das abordagens acima mencionadas: *Fuga para a escuridão*

Palavras-chave: Arthur Schnitzler, psicose, conflito psíquico

SUMÁRIO

| CAPÍTULOS | PÁGINA |
|---|--------|
| I. INTRODUÇÃO..... | 1 |
| II. QUEM FOI ARTHUR SCHNITZLER?..... | 5 |
| II.1 Alguns dados biográficos | 6 |
| II.2 Schnitzler e a Medicina..... | 9 |
| II.3 Relação com Freud e a psicanálise | 11 |
| III. ELEMENTOS DA TEORIA FREUDIANA DAS PSICOSES..... | 17 |
| IV. “FUGA PARA A ESCURIDÃO..... | 27 |
| IV.1 Sinopse da novela “Fuga para a escuridão”..... | 27 |
| IV.2 Sobre a novela..... | 28 |
| IV.3 Sobre a presença de conceitos psicanalíticos freudianos sobre a psicose na novela | 31 |
| IV.4 Comentários | 41 |
| V. COMENTÁRIOS FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 44 |

Em um almoço de domingo, Mauro me perguntou:

-Você já leu Schnitzler?

- Quem?

- Schnitzler, o Freud antes do Freud.

Nunca tinha sequer ouvido falar dele. De lá para cá, li Schnitzler. Primeiro, *Crônica de uma jovem mulher*. Depois, *Breve Romance de Sonho*. Como os outros livros editados no Brasil estavam esgotados, devorei uma coletânea em francês: Arthur Schnitzler, *Romans & Nouvelles*, Volume I e II.

Este trabalho começou assim.

Por prazer.

I. INTRODUÇÃO

Arthur Schnitzler (1862/1931), o “duplo” de Freud, foi um romancista e dramaturgo vienense. Diversos aspectos das vidas de Freud e Schnitzler são semelhantes: eram contemporâneos (Freud nasceu em 1856 e Schnitzler em 1862), vienenses, judeus, ambos cursaram Medicina, interessaram-se por psiquiatria e trabalharam no Hospital Geral de Viena, com Theodor Meynert. Começaram a vida profissional como clínicos, mas abandonaram a carreira após a morte de seus pais: Freud fundou a psicanálise e Schnitzler tornou-se escritor. Seus caminhos, porém, não se separaram: Freud escrevia muito bem (o único prêmio recebido por Freud em vida foi o prêmio Goethe de Literatura, em 1930) e Schnitzler revelaria em seus escritos uma “*profunda apreensão das verdades do inconsciente*”

Elisabeth Roudinesco afirmou em entrevista: “Digamos que Schnitzler e Freud são produtos da mesma cultura, a da Viena *fin-de-siècle* e da medicina da época. Isto produz de um lado um escritor e do outro um sábio. Pode-se então imaginar que alguns personagens de Schnitzler foram pacientes de Freud, um deles produzindo estudos de caso, o outro romances. De seu lado, Freud contava seus caso de modo muito literário...ⁱⁱ. Ambos tornaram-se famosos na Viena *fin-de-siècle*.”

ⁱⁱ,”*Disons que Schnitzler et Freud sont les produits de la même culture, celle de la Vienne fin de siècle et de la médecine de l'époque. Cela donne d'un côté un écrivain et de l'autre un savant. On peut d'ailleurs imaginer que certains personnages de Schnitzler ont été des patients de Freud, l'un en tirant des études de cas, l'autre des*

A afinidade entre Freud e Schnitzler foi abordada por diversos autores, em diferentes aspectos. A relação entre eles é considerada por Magris “enigmática” (MAGRIS, apud MEZAN, 1985, p.612). Schnitzler estaria fora do circuito de escritores que exaltavam o “mito habsbúrgico”: a Viena capital do prazer, alegre, intelectual, símbolo de uma Áustria unificada e harmônica. “[Schnitzler] *Está longe desta terna e irônica indulgência para com as mesquinhas que descreve, de modo que o sorriso aristocrático se torna bisturi analítico cortante e desapiedado, não suave véu da realidade*”. Para Mezan, esta “cirurgia” seria o análogo da representação freudiana da atividade psicanalítica. Outro aspecto que, segundo Mezan, vincula Freud a Schnitzler seria a introdução do monólogo interiorⁱⁱⁱ, um tipo de narrativa onde comparece o fluxo de pensamentos do personagem, “a representação dos fluxos de consciência imperiosos e abrangentes” (MEZAN, 1985, p.614.). Mezan aponta também a coincidência entre as obras: “teoria das pulsões, oposição entre Eros e Thanatos, denúncia da hipocrisia social, crença no determinismo dos atos psíquicos” (MEZAN, 1985, p. 617). Na obra de Schnitzler, a sexualidade e a morte andam juntas; o autor nos apresenta o conflito de seus personagens, sempre de base amorosa, desvelando desejos, angústias, sonhos, alucinações (“Metade de sua produção é dedicada á Eros, a outra a Thanatos” (BRANDES apud TAVARES, 2007, p.106)

Alguns autores enfocaram os pontos comuns nas biografias, os poucos encontros e a correspondência trocada entre Freud e Schnitzler (BELLETTINI, 2007). Estão neste caso trabalhos sobre os escritos médicos de Schnitzler (HERZOG, 2003), e sobre suas notas relativas á psicanálise (POLIDORI, 2004-2005). O primeiro trabalho que analisou a influência da psicanálise na obra de Schnitzler foi o artigo *Arthur Schnitzler als Psycholog*, publicado em 1913 por Theodor Reik. Outros autores abordaram a marca de tópicos freudianos específicos, como os sonhos ou símbolos, na obra de Schnitzler. O romance *Frau Berta Garlan*, escrito em 1900 (enquanto Schnitzler lia a *A interpretação dos sonhos*) seria o primeiro texto no qual aparece claramente a influência de Freud (PERLMANN apud

romans. De son côté, Freud racontait ses cas de façon très littéraire...”, entrevista publicada na revista *Télérama*, n. 2592 (15 setembro 1999), acessível em <http://pagesperso-orange.fr/kubrick.stanley/roudinesco.htm>, tradução nossa.

ⁱⁱⁱ Este tipo de narrativa aparece pela primeira vez na obra de Schnitzler na história “*O Tenente Gustl*”.

BELLETTIN, 1987). O romance apresenta, por exemplo, os mecanismos do sonho deslocamento e condensação. Em seu livro (TAVARES, 2007), Pedro Heliodoro compara o sonho em Freud e em Schnitzler, baseado nas obras *Interpretação do sonho*, do primeiro autor e *Breve Romance de Sonho*, do segundo autor; compara também as obras *Fragmento da análise de um caso de histeria (O caso Dora)* de Freud, publicado em 1905 (que pode, segundo Pedro Heliodoro, ser lido como um romance moderno) e *Senhorita Else* de Schnitzler, publicado em 1924 (que pode ser lido como um caso clínico).

Schnitzler, como Freud, teve formação em psiquiatria nos anos 1879-1895, o que lhe teria permitido, em tese, um conhecimento aprofundado sobre as psicoses do ponto de vista da psicopatologia da época. A psicose comparece em diversas histórias de Schnitzler. Apesar disto, são raros os trabalhos que discutem a presença da psicose em sua obra. Encontramos apenas um: o artigo *The Psychoses in the Works of Arthur Schnitzler* (WEISS, 1968). O autor argumenta que na época a psiquiatria era uma ciência incipiente, “enteada da neurologia e carregada com falsas doutrinas e abismal ignorância” (*psychiatry was just a stepchild of neurology, fraught with false doctrines and abysmal ignorance*). Apesar disto, segundo o artigo, muitos dos personagens na obra de Schnitzler apresentam sinais e sintomas psicóticos reconhecidos na psiquiatria moderna. A classificação existente em 1968 (data da publicação do artigo) foi utilizada no artigo para listar a incidência das diferentes psicoses na obra de Schnitzler.

Segundo o autor, algumas das histórias são narradas com detalhes suficientes para permitir um “diagnóstico” psiquiátrico. Outras histórias, menos detalhadas, permitem apenas uma “impressão” (levantamento de hipóteses). São apontados 12 surtos psicóticos em diferentes histórias, 8 terminando em suicídio. Em todos eles (com exclusão de um), segundo o autor, os motivos do suicídio são “irracionais”. A história de Schnitzler *Fuga para a escuridão* representa o melhor exemplo de esquizofrenia tipo paranóide na obra de Schnitzler. O artigo tem enfoque médico, e

desconsidera por completo as contribuições que Freud e a psicanálise fizeram para o entendimento da etiologia das diferentes neuroses e psiconeuroses^{iv}.

Em decorrência de sua formação em psiquiatria, seria esperado que os personagens de Schnitzler apresentassem características psicóticas cuja etiologia seria desconhecida, porém de base orgânica. É nossa hipótese de trabalho que Schnitzler incorporou muitas das idéias psicanalíticas em suas histórias.

Assim, este trabalho pretende discutir alguns aspectos da presença da psicose na obra de Arthur Schnitzler, sob a ótica do pensamento psicanalítico da época. Interessa-nos, por um lado, investigar em que medida sua formação em psiquiatria influenciou a apresentação de tipos psicóticos em suas histórias e, por outro, investigar *como e se* o nascente pensamento psicanalítico modificou esta narrativa.

No capítulo II, é apresentada uma breve biografia de Arthur Schnitzler, de modo a evidenciar sua formação médica e sua relação com Freud e a psicanálise.

No capítulo III, são apresentados os principais conceitos de Freud que tratam da psicose. O objetivo foi, por um lado, realizar um estudo mais aprofundado dos conceitos de conflito e mecanismo de defesa e, por outro, acompanhar a evolução da psicogênese da psicose na obra de Freud.

No capítulo IV, abordaremos uma obra de Schnitzler *Fuga para a escuridão*. A proposta foi realizar uma leitura cuidadosa, apontando os elementos que permitam realizar a correlação com a psicanálise freudiana. Do ponto de vista formal, optamos por realizar esta análise baseando-nos parcialmente na estrutura literária apresentada por J.D. Nasio no livro *Os grandes casos de psicose*. Esta opção teve por objetivo evidenciar a semelhança entre o relato ficcional de Schnitzler e os relatos feitos por psicanalistas de casos reais.

O trabalho se encerra com um capítulo de conclusões.

^{iv} O autor aponta, contudo, referindo-se a um outro artigo seu (WEISS Robert O. "A Study of the Psychiatric Elements in Schnitzler's *Flucht in die Finsternis*," *Germanic Review*, XXXIII, Dezembro 1958), que a novela indica pistas para a etiologia da patologia; esta etiologia estaria de acordo com as recentes (na época) teorias psiquiátricas, apontando para tendências homossexuais latentes, complexo de inferioridade e narcisismo.

CAPÍTULO II - QUEM FOI ARTHUR SCHNITZLER?

"Se você protege com demasiada ternura o jardim secreto de sua alma, ele pode facilmente começar a florescer de modo muito luxuriante, a transbordar além do espaço que você lhe reservou e mesmo a tomar pouco a pouco posse da sua alma em domínios que não estavam destinados a permanecer secretos. E é possível que toda a sua alma acabe por tornar-se um jardim bem fechado, e que no meio de todas as suas flores e perfumes ela sucumba a sua solidão"(SCHNITZLER, apud PFERSMANN, 1927).^v

A vida e obra (HERZOG, 2003; KON, 1996) de Arthur Schnitzler (1862 – 1931) podem ser estudadas a partir de um conjunto de produções do autor bastante peculiares: Schnitzler manteve um diário, atualizado com muita frequência, durante o período 1879-1931, ou seja, quase toda a sua vida adulta. Este diário (Tagebuch) foi publicado em 10 volumes pela Academia Austríaca de Ciências a partir de 1987, e tornou-se uma fonte importante não apenas para conhecer o autor, mas para conhecer a Viena deste período. O livro *O Século de Schnitzler - a formação da cultura de classe média* de Peter Gay (GAY, 2002), mesmo autor da conhecida biografia *Freud; Uma Vida para o nosso tempo* (GAY, 1989) foi baseado neste diário. Neste livro, Gay traça um panorama da classe média entre 1815 e 1914. Além disto, Schnitzler escreveu uma autobiografia referente aos seus anos de juventude (Schnitzler, 2003). As cartas trocadas com diversos contemporâneos seus estão também publicadas. Um arquivo contendo 30000 páginas, muitas inéditas, vem sendo estudada por diversos acadêmicos (BOLETIM , 2007). Este material foi

^v "Si tu protèges avec trop de tendresse le jardin secret de ton âme, il peut facilement se mettre à fleurir de façon trop luxuriante, à déborder au-delà de l'espace qui lui était imparti et même à prendre peu à peu possession dans ton âme de domaines qui n'étaient pas destinés à rester secrets. Et il est possible que toute ton âme finisse par devenir un jardin bien clos, et qu'au milieu de toutes ses fleurs et ses parfums elle succombe à sa solitude.", tradução nossa.

salvo da queima de livros nazistas e levados a Cambridge em 1938, sete anos após a morte de Schnitzler, onde ainda se encontram na biblioteca da universidade de Cambridge. O arquivo possui a única carta ainda existente trocada com Sigmund Freud, bem como a correspondência com o amigo e fundador do Sionismo, Theodor Herzl. O arquivo tem permitido também o estudo da relação de Schnitzler com diversos autores ou artistas com os quais se relacionava, dentre eles Thomas Mann, Henrik Ibsen, Hugo von Hofmannsthal, Richard Strauss e Gustav Mahler. Em 1976, entre as cartas, foram encontrados os escritos de Schnitzler sobre a psicanálise. Trata-se de apontamentos sobre este assunto organizados pelo autor abrangendo o período entre 1900 e 1926. (POLIDORI , 2004-2005)

Neste capítulo, apresentamos alguns dados biográficos do autor, evidenciando sua relação com a medicina e a psicanálise.

II.1 Alguns dados biográficos

Arthur Schnitzler nasceu em Viena, em 1862, em uma família judia assimilada da alta burguesia liberal. A família paterna era originária da Hungria. Seu avô paterno era marceneiro, analfabeto e alcoólatra. Seu pai, Johann Schnitzler (1835-1893), estudou Medicina inicialmente em Budapeste e depois em Viena, tendo se mantido dando aulas particulares. Johann Schnitzler, quando jovem, tinha pretensões literárias, chegando a ser considerado por seus professores um promissor “Shakespeare húngaro”. Tornou-se um médico laringologista bastante conhecido em Viena. Devido a esta especialidade clínica, Johann Schnitzler tinha como pacientes um grande número de comediantes e cantores, e era considerado conselheiro (no que se referia á voz) dos cantores e artistas de teatro de Viena (SEVCENKO, 1999). O filho Arthur, ainda criança, manteve frequentemente contato com estes artistas na sala de espera do consultório do pai. Johann Schnitzler foi diretor e sócio da Policlínica de Viena, editor de uma publicação científica (*Jornal Médico de Viena*) e fundador da publicação *Revista Clínica Internacional*, na qual o filho Arthur viria a colaborar.

Schnitzler cresceu tendo por um lado a exigência paterna de encaminhamento para a profissão médica e por outro, a proximidade encantadora com o mundo do teatro e da ópera. Dois momentos fundantes na vida de Schnitzler, relatados nos

diários, ilustram esta ambivalência (SAUVAT, 2007). Um deles foi a ocasião em que, durante um espetáculo, dois cantores reconhecem e acenam furtivamente para o jovem Schnitzler e depois, como se nada tivesse ocorrido, continuam sua atuação. Diz Schnitzler: *“Sim, este pequeno acontecimento, apesar de sua futilidade, teve seu papel na maneira pela qual se desenvolveu em mim este tema fundamental onde se misturam e se confundem o sério e o jogo, a vida e a comédia, a verdade e a mentira, e que, para além de todo teatro, para além de toda a arte, nunca deixou de me emocionar e de me ocupar”* (SAUVAT, 2007, p. 35)^{vi}. Um segundo momento foi a “violação” de seu diário por parte de seu pai. Johann Schnitzler arromba a gaveta do filho (na ocasião com 16 anos), e lê seu diário. Em seguida, age: *“Para concluir, meu pai me levou a seu consultório e me mandou folhear três grandes tratados de Kaposi encadernados em amarelo, sobre a sífilis e as doenças de pele, de modo a que as gravuras repulsivas me ensinassem quais seriam as conseqüências de um comportamento licencioso”* (SAUVAT, 2007, p. 35)^v. Inúmeras vezes Schnitzler mencionará nos Diários, após este episódio, o seu medo de doenças (hipocondria).

O avô materno de Schnitzler era um respeitado médico judeu, vienense, boêmio e jogador compulsivo. A mãe de Schnitzler, Louise Markbreiter, vinha de uma família de oito irmãos. Pouco se sabe sobre ela. É interessante notar que em sua autobiografia, Schnitzler escreve muito sobre seu pai, um pouco sobre a família estendida (avós, tios, primos) e nada sobre sua mãe. Nos Diários, sua mãe é mencionada mais regularmente (*“Minha mãe, apesar de sua compreensão, nunca tinha outra opinião que a de seu esposo”*) (SAUVAT, 2007, p. 35)^v. Schnitzler morou com sua mãe até seu casamento, aos quarenta anos (seu pai havia falecido em 1893, quando Schnitzler tinha 31 anos). Mesmo depois de casado, de dois em dois dias visitava a casa materna, para tocar piano junto com a mãe. Um de seus tios do lado materno suicidou-se aos 17 anos. Tinha dois irmãos: Julius, que se tornaria um cirurgião renomado e Gisela, casada com um médico. O alcoolismo do avô paterno, o jogo compulsivo do avô materno e o suicídio de seu tio são alguns dos componentes evocados por Schnitzler em sua autobiografia quando se refere à sua “herança pesada”.

^{vi} Em francês no original, tradução nossa.

Schnitzler pode ser considerado o protótipo do *bon vivant*, tendo passado grande parte de seu tempo livre em corridas de cavalo, ou jogando bilhar e cartas nos inúmeros cafés de Viena. Participou ativamente do círculo literário *Jung Wien*, que era freqüentado por intelectuais do porte de Hugo von Hofmannstahl e Richard Beer-Hofmann. Teve uma vida amorosa intensa, registrada minuciosamente nos Diários (exemplo: em 1887, aos 25 anos, registra em seu diário a totalização numérica de seus orgasmos em encontros amorosos com a bordadeira Jeanette - 326 em 11 meses). Segundo Gay, Schnitzler era um “hipocondríaco do amor”; o registro meticuloso de seus orgasmos seria decorrente da necessidade de afirmação heterossexual, em negação a desejos homoeróticos (GAY, 2002). Afirma, nos Diários, em 1893, que “*o amor faz parte agora não de minha vida emocional, mas da minha higiene*” e ainda “*se permanecer casto durante nove dias – no máximo seis a nove – transformo-me simplesmente num animal*” (GAY, 2002, p. 81). Schnitzler, em seus diários, chamava suas amantes de Süsse Mädels – doces mocinhas. As Süsse Mädels são sempre descritas como fonte de prazer, sem responsabilidades. Assumir a responsabilidade de uma relação estável via casamento foi bastante difícil para Schnitzler, uma vez que a virgindade de sua parceira era para ele um tema desesperador. Casou-se em 1903 com Olga Gussman, mãe de seu filho Heinrich nascido no ano anterior. Lili, sua segunda filha, nasceu em 1909. Schnitzler divorciou-se de Olga em 1921. Em 1928, Lili suicidou-se.

Era conhecido como o Doutor-poeta. Escreveu 35 peças, 58 estórias de tamanho variado (contos, novelas curtas, novelas), dois ensaios, um livro de Aforismos e um livro de memórias (autobiografia) de seus anos de juventude (“*Como é fácil escrever um livro de Memórias quando não se tem memória!*”).

Como Freud, foi considerado imoral e pornógrafo. Adquiriu a fama de pornógrafo especialmente devido á obra Ronda, *Reigen*, publicada em 1900. Nesta obra, o diálogo entre dez pares de personagem é apresentado antes e depois do ato sexual. O ato em si, no texto escrito, é insinuado por asteriscos. Um parceiro de cada ato está sempre presente no ato seguinte, sendo uma obra de estrutura circular. O texto começa com uma prostituta seduzindo um soldado; o décimo personagem, um conde, faz amor com uma prostituta, fechando o círculo. A peça foi um enorme escândalo e provocou tumultos de caráter anti-semita. Houve um

juízo relativo ao caráter obsceno da peça, no qual Schnitzler foi absolvido. Contudo, o texto deixou de ser encenado na Europa até a morte do autor (LIUKKONEN, 2008). Em 1913, novo escândalo: a novela “Senhora Beate e seu filho” aborda a relação incestuosa entre mãe e filho. Em 1901, após a publicação da novela “O sub-tenente Gustl”, na qual critica o pensamento militar, Schnitzler foi destituído de sua patente de capitão e médico reservista do Exército.

Muitas de suas obras refletem o cotidiano e fatos reais acontecidos com o autor, e descritos nos diários. A biografia de Arthur Schnitzler escrita por Catherine Sauvat explora este aspecto nos diferentes capítulos do livro. Na peça “Anatole”, por exemplo, o personagem principal passa horas nos cafés de Viena, jogando pôquer e bilhar. A novela Professor Bernhardt (trata-se da história de um professor de Medicina interna, judeu e liberal, escrita em 1912) retrata seu pai. No romance Berta Garland, a personagem principal é uma viúva provinciana, ainda jovem, que esperançosa e temerosa tenta retomar o curso interrompido de um amor platônico de juventude. O amado tinha se tornado um artista conhecido. Passam juntos uma noite, e depois Berta é novamente abandonada. É a história da relação com Fanny, o primeiro amor de Schnitzler, “seu anjo amado”, que se casa em 1888 e enviúva em 1896, quando procura Schnitzler.

Em comemoração ao seu aniversário de 50 anos, suas peças foram apresentadas simultaneamente em 26 teatros. Suas obras completas, em 7 volumes foram publicadas ainda em vida.

Schnitzler faleceu em 1931, aos 69 anos. Compareceram a seu enterro apenas sete pessoas. Em 1933, durante a queima de livros organizada por Joseph Goebbels, os trabalhos de Schnitzler foram queimados junto aos de outros judeus: Einstein, Marx, Kafka, Stefan Zweig e Freud.

II.2 Schnitzler e a Medicina

Em 1879, aos 17 anos, Schnitzler ingressou no curso de Medicina da Universidade de Viena em obediência à vontade do pai. Em 1880, descreve em seu diário o dilema que vive: “Posso meditar o quanto quiser sobre a íntima ligação entre medicina e poesia, e, não obstante, permanece verdade que não se pode ser pleno

poeta e pleno médico ao mesmo tempo. Jogado para lá e para cá entre ciência e arte, não entrego meu pleno eu a nenhuma das duas e me atrapalho pela poesia no trabalho e pelo trabalho na poesia" (KON, 2008).

Formou-se em 1885, aos 23 anos. Em 1886 começou a trabalhar no serviço psiquiátrico do Hospital Geral de Viena, com Theodor Meynert (com quem Freud também havia trabalhado, três anos antes). Meynert era um alienista e anatomista do cérebro bastante conhecido na época. "Nada no meu chefe, o célebre Professor Meynert, excita muito meu interesse; e provavelmente não é completamente culpa minha....seu diagnóstico é admirável, mas como médico, no sentido mais estrito do termo, em suas relações pessoais com os doentes (ao menos na clínica) ele não consegue ganhar minha admiração...(SAUVAT, 2007). Em 1887 Schnitzler entra no serviço de doenças de pele e sífilis. Nesta época começou a editar a revista médico de seu pai, *Revista Clínica Internacional* (International Klinische Rundschau). Como editor, fez revisão de livros médicos, particularmente os que tratavam de histeria, neuroses e hipnose. Ele também revisou as seis traduções que Freud havia realizado dos trabalhos de Jean-Marie Charcot e Hippolyte Bernheim sobre histeria e hipnose (STILES, 2004-2005).

Formou-se em 1885. Ao longo do curso, interessou-se por psiquiatria e por hipnose; sua tese de doutorado (tese de formatura, na época) intitulava-se "Aфонia funcional e seu tratamento pela hipnose e sugestão" "(*Uber funktionelle Aphonie und deren Behandlung durch Hypnose und Suggestion*). Neste trabalho, Schnitzler aplica a prática de hipnose no campo de trabalho de seu pai, a laringologia e descreve como usou com sucesso a hipnose para tratar a perda de voz. Schnitzler, como Freud, torna-se um médico da fala.

Por volta de 1892, realizou um conjunto de experimentos com a hipnose: hipnotizou com sucesso uma jovem, que foi operada do nariz sem anestesia, bem como realizou uma série de extrações dentárias sem dor em pacientes hipnotizados. Algumas vezes realizou estes experimentos para uma audiência de médicos, o que lhe rendeu uma fama de médico pouco sério. Desta experiência com hipnose, Schnitzler mostrou-se desapontado, concluindo que muitas vezes os pacientes hipnotizados fingem e mentem.

Montou consultório particular junto com seu pai, na mesma especialidade, e dedicou-se a esta atividade, por algum tempo, juntamente com a literatura. Clinicava duas horas por dia, havendo portanto bastante tempo livre para se dedicar á escrita.

Abandona definitivamente a clínica apenas após a morte do pai. Contudo, mesmo após desistir do exercício da medicina, a influência destes anos de prática continua a aparecer em seu trabalho de ficcionista. Médicos como personagens aparecem em inúmeros trabalhos de Schnitzler. Estes médicos, contudo, nunca curam. São em geral seres que sofrem, *...tão abatidos em seus próprios conflitos que não podem vê-los no paciente. A fronteira entre aquele que cura e o que necessita de tratamento é desfeita. A enfermidade não faz corpo na carne, mas sim na sexualidade...*(TAVARES, 2007, p.94).

II.3 Relação com Freud e a psicanálise

Freud leu Schnitzler? Schnitzler leu Freud? Nesta sessão discutiremos o possível conhecimento que Schnitzler tinha das idéias psicanalíticas.

Em 1992 Luigi Reitani descobriu na Biblioteca da Universidade de Cambridge a única carta atualmente existente enviada por Schnitzler à Freud. Esta carta parece ser o primeiro contato entre Freud e Schnitzler. Datada de 6 de maio de 1906 foi escrita para parabenizar Freud pelo seu aniversário de cinquenta anos. Dizia (POLIDORI, 2004-2005):

Caro Professor, mesmo que o senhor não se lembre de mim, permita-me juntar-me aos que hoje lhe apresentam seus votos. Eu devo a seus escritos sugestões tão numerosas, fortes e profundas, e vosso aniversário de cinquenta anos me dá a oportunidade de lhe declarar isto e de lhe apresentar minha franca e calorosa veneração...

Freud respondeu a esta carta (CARDONI, 2003, p.109):

Caro Dr. Schnitzler

Há muitos anos que estou ciente da plena harmonia que existe entre suas opiniões e as minhas sobre muitos problemas psicológicos e eróticos; recentemente encontrei até coragem de acentuar expressamente esta harmonia. Sempre me perguntei espantado como o senhor havia chegado a este ou aquele detalhe de conhecimento secreto que eu havia adquirido mediante apurada investigação do tema e finalmente cheguei ao ponto de invejar o autor que até então admirava.

Agora o senhor pode imaginar como fiquei satisfeito e eufórico ao ler que o senhor também tem se inspirado em meus escritos. Quase lastimo que tive de alcançar os 50 anos para escutar algo tão lisonjeiro.

Seu com admiração, Dr. Freud

Com a frase ... *recentemente encontrei até coragem de acentuar expressamente esta harmonia*, presente na carta acima reproduzida, Freud refere-se á nota de rodapé sobre ganho secundário dos sintomas histéricos do texto *Fragmento de análise de um caso de histeria* : “Um homem letrado, que inicialmente também é médico – Arthur Schnitzler – expressou muito corretamente esta idéia em sua obra *Paracelsus*”.

Nas Obras Completas de Freud existem quatro referências a Schnitzler (uma é do editor James Strachey). A dissertação de Cardoni (2003) analisa estas citações. No texto de 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* encontra-se a referência a Schnitzler:

...(b) Duplo sentido procedendo dos significados literal e metafórico de uma palavra. Eis uma das mais férteis fontes da técnica dos chistes. Citarei apenas um exemplo:

Um médico, meu amigo, afamado por seus chistes, disse certa vez a Arthur Schnitzler, o dramaturgo: “Não me surpreendo que você tenha se tornado um grande escritor. Afinal seu pai susteve um espelho para seus contemporâneos’. O espelho sustido pelo pai do dramaturgo, o famoso Dr. Schnitzler, era o laringoscópio. Um famoso dito de Hamlet fala-nos que o objetivo de uma peça, tanto quanto do dramaturgo que a cria, é ‘to hold, as were, the mirror up to nature; to show virtue her own feature, scorn her own image, and the very age and body of the time his form and pressure (suster, como se fora, um espelho à natureza; mostrar à virtude sua feição própria, ao escárnio sua própria imagem, ao torso e à longa idade do tempo sua forma e premência)”(Freud, 1905, p. 52).

A terceira referência encontra-se no texto *O tabu da virgindade*. Ao comentar a obra de um autor vienense (Anzengruber) Freud faz notar, em nota de rodapé, a semelhança entre a temática desta obra e o conto de Schnitzler “A sina do Barão de Leisenbohlg”. Finalmente, a última referência se encontra no texto *O Estranho*:

Conservamos um sentimento de insatisfação, uma espécie de rancor contra o engodo assim obtido. Notei isto particularmente após a leitura de “Die Weissagung” de Schnitzler, e outras histórias que tratam do sobrenatural.(FREUD, 1919, p. 275)

Em 1922, por ocasião do aniversário de 60 anos do escritor e dramaturgo Arthur Schnitzler, Sigmund Freud envia-lhe outra carta, que se tornaria famosa:

...penso que o evitei a partir de uma espécie de temor de encontrar meu duplo. Não que eu em geral seja facilmente inclinado a me identificar com qualquer outra pessoa ou que eu tenha qualquer desejo de esquecer a diferença de nossos dons que me separam do senhor. Sempre que me deixo absorver profundamente por suas belas criações, parece-me encontrar, sob a superfície poética, as mesmas suposições antecipadas, os interesses e conclusões que reconheço como meus próprios. Seu determinismo e seu ceticismo - o que as pessoas chamam de pessimismo -, sua profunda apreensão das verdades do inconsciente e da natureza biológica do homem, o modo como o senhor desmonta as convenções sociais de uma sociedade, a extensão em que seus pensamentos estão preocupados com a polaridade do amor e da morte, tudo isto me toca com uma estranha sensação de familiaridade... Assim, ficou-me a impressão de que o senhor sabe por intuição realmente a partir de uma fina auto-observação - tudo que tenho descoberto em outras pessoas por meio de laborioso trabalho...(FREUD apud KON, 1996, p.127..

Após esta carta, Freud convidou Schnitzler para um almoço em sua casa. Foi o primeiro encontro. Nesta ocasião, Freud o presenteou com seu livro *Introdução à Psicanálise* (1917). Segundo Belletini (2007) e Sauvat (2007), ocorreram diversos encontros entre os dois nos anos a seguir (1923, 1925 e 1926), encontros nos quais eram discutidos temas como a interpretação de sonhos e a psicanálise em geral. Anna Freud, filha de Freud, foi durante alguns meses preceptora de Lili Schnitzler.

Sabe-se, a partir das anotações nos Diários, que Schnitzler leu as seguintes obras de Freud: *Interpretação dos Sonhos*(1900), *Estudos sobre a histeria* (1893/1895), *Três ensaios de teoria sexual* (1905) e *Totem e Tabu* (1912/1913) (BELLETINI, 2007). Schnitzler costumava conversar sobre psicanálise nos anos 1912-1913 com freudianos do porte de Theodor Reik e Lou Andreas-Salomé. No

início do movimento psicanalítico, houveram algumas tentativas de aplicar os conceitos da psicanálise às diversas formas de manifestação cultural. Em 1912, o psicanalista Reik escreveu o livro “Schnitzler como psicólogo”, no qual aplicava os conceitos recentes da psicanálise aos personagens de Schnitzler. (Reik era também amigo de Freud. Não tinha formação médica, e sua atuação como psicanalista foi contestada pela classe médica. Em sua defesa, Freud escreveu o texto “A questão da análise leiga”).

O que Schnitzler declarava pensar sobre a psicanálise?

Segundo o escritor gaúcho e tradutor de Schnitzler Marcelo Backes, *...Schnitzler sempre achou que os psicanalistas adentravam com demasiada rapidez a vereda do inconsciente. Para Schnitzler, o inconsciente não está tão próximo, tão à mão, quanto os psicanalistas imaginam. Em carta a Theodor Reik, psicanalista e crítico de sua obra, Schnitzler escreve, ironicamente: “Há mais caminhos que levam para a escuridão da alma (...) do que os psicanalistas sonham (ou sonham interpretar).” Schnitzler dava muito mais valor ao “semi-consciente”, àquilo que se revela no detalhe oculto de um gesto, na clareza algo velada de uma reação (BACKES).*

Segundo Andréas Pfersmann([s.d.]), as opiniões de Schnitzler com relação a psicanálise seriam ambivalentes. As principais reservas seriam que a psicanálise se apressa em atribuir ao inconsciente fenômenos que não o revelam necessariamente; que o complexo de Édipo seria uma generalização abusiva e que a interpretação de sonhos seria arbitrária. Por outro lado, no seu livro de aforismos aparecem as seguintes afirmações:

“A psicanálise alarga o conhecimento da alma encorajando a procura nas profundezas que ficavam inicialmente inexploradas por razões de convenção, às vezes por razões de gosto, mais frequentemente por covardia ou medo” e “A noção de libido recobre apenas uma parte das pulsões fundamentais de nosso ser. Falta, para a compreensão da economia de nossa alma mas também para a exatidão da teoria freudiana, o desvelamento também científico e exaustivo das pulsões

contrárias em nossa alma.[...] De fato, o contrário da libido seria a aspiração á dor, á autodestruição, á morte.

Não se sabe a data em que Schnitzler escreveu este aforismo.

Em 1927, Arthur Schnitzler afirmou em entrevista: "*Por algum aspecto eu me constituo no 'duplo' do professor Freud. Ele me definiu certa vez como seu gêmeo psíquico. Na literatura percorro a mesma estrada sobre a qual Freud avança com uma temeridade surpreendente na ciência. Entretanto, ambos, o poeta e o psicanalista, olhamos através da janela da alma*" (SCHNITZLER apud KON, 2008).

CAPÍTULO III – ELEMENTOS DA TEORIA FREUDIANA DAS PSICOSES

Neste capítulo são apresentados os principais conceitos elaborados por Freud relativos ao tema da psicose. O interesse maior de Freud não estava na clínica da psicose, uma vez que acreditava não ser possível analisar psicóticos, dada a ausência do laço transferencial (*“Esse tipo de pacientes, que eu propus fossem denominados de parafrênicos, exibem duas características fundamentais: megalomania e desvios de seu interesse do mundo externo - de pessoas e coisas. Em consequência da segunda modificação, tornam-se inacessíveis à influência da psicanálise e não podem ser curados por nossos esforços.”*)(FREUD, 1914, p. 82). O estudo da psicose, porém, contribuiu para a compreensão do funcionamento normal da vida psíquica, como é característico na obra de Freud.

O capítulo não tem por objetivo esgotar o tema psicose na obra de Freud; o objetivo é bem mais modesto. Trata-se de apresentar alguns conceitos eminentemente freudianos de modo a evidenciar sua possível influência nos textos de Schnitzler, em contraposição com a presença em sua obra de conceitos psiquiátricos vigentes na época.

A formação de Schnitzler em psiquiatria, através de estágio em um serviço psiquiátrico, teria permitido, em tese, um conhecimento aprofundado sobre as psicoses do ponto de vista da psicopatologia da época. A psiquiatria vinha sofrendo grandes transformações (LOPES, 2001). Em 1875, é publicado o livro de Krafft-Ebing, *Psychopatia sexualis* e em 1896, Kraepelin completava seu *Manual de psiquiatria*, no qual aparece pela primeira vez a classificação loucura maníaco-depressiva e, no grupo de psicoses delirantes, a *dementia praecox*. *“A doença mental tinha uma base orgânica, e algumas pessoas diziam que a psicose, isto é, a loucura, era a expressão de uma alteração do sistema nervoso, que seria a neurose”* (LOPES, 2001, p. 29).

A psicanálise nasceu com a reflexão sobre a histeria, e progrediu para o entendimento do mecanismo psicogênico das neuroses e psicoses, contrapondo-se à idéia de neurose e psicose enquanto afecções orgânicas (*“doenças mentais são*

doenças cerebrais” afirmava Griensinger, um dos grandes psiquiatras alemães, contemporâneos de Schnitzler; “Se as obsessões já foram atribuídas a uma perturbação afetiva e se encontrou prova de que elas devem sua força a um conflito, então a mesma opinião deve ser válida para os delírios, e também estes devem ser conseqüência de distúrbios afetivos, e sua força deve estar radicada num processo psicológico Os psiquiatras aceitam o contrário deste fato, ao passo que os leigos tendem a atribuir a loucura delirante a eventos mentais desagregadores” (afirmava Freud em 1895) (FREUD, 1895, p.253) .

O interesse de Freud pelas psicoses aparece já nas publicações pré-psicanalíticas, em particular nos textos “Rascunho H” (1895), “Rascunho K” (“Um conto de fadas natalino”, 1896) e nos textos “As neuropsicoses de Defesa” (1894) e “Observações Adicionais sobre As Neuropsicoses de Defesa” (1896). Nestes estudos, Freud emprega o termo “Neuropsicose”, sem discriminação entre neurose e psicose, principalmente para se referir à determinação psicológica e não neurológica da alteração psíquica (SIMANKE, 1994).

Inicialmente (1895/1900), Freud considerava dois grandes grupos de neuroses (MACEDO, 2001; PINHEIRO, 2009): neuroses atuais e neuropsicoses de defesa. O termo “atual” referia-se á impossibilidade, naquele momento e naquele lugar, de ocorrer a descarga da tensão sexual, que tomaria diretamente a via somática, sem elaboração psíquica. Na formação das neuroses atuais não interviriam mecanismos psíquicos, o que inviabilizaria o tratamento por meio da terapia psicanalítica. A neurose de angústia, a neurastenia e a hipocondria eram nesta época classificadas por Freud como neuroses atuais. O conto “Um moço sensível”^{vii} de Schnitzler, é um bom exemplo de uma neurose atual. Ali, o amante recém abandonado lê a carta deixada por sua amada, cantora que havia perdido a voz. Na carta, a amante revela como se deu o início do romance. Ela propositalmente o havia conquistado, a conselho médico: ter relações sexuais (era virgem na época) teria sido o remédio apontado pelos doutores. Agradecia e se despedia: sua voz teria retornado, e ela estaria iniciando a próxima temporada num teatro renomado!

^{vii}Título em francês : *Um jeune homme sensible – Histoire Burlesque*

Já nesta época, Freud considerava as neuropsicoses como uma doença da defesa (Simanke, 1994). O conceito de defesa é fundamental neste primeiro período, pois por um lado marca a diferença com a visão corrente da psicopatologia e por outro dá origem ao conceito de recalque, considerado por muitos a pedra angular do edifício teórico da psicanálise (SIMANKE, 1994). Freud distinguia a defesa normal da patológica. A defesa normal seria a operação psíquica bem sucedida para evitar o re-investimento de uma representação desprazerosa; a defesa patológica seria a operação mal-sucedida, *“a expressão mórbida da tentativa desesperada que o eu faz para preservar, para se livrar de uma representação inassimilável que, à maneira de um corpo estranho, ameaça sua integridade”* (NASIO, 2000, p.36). Freud considerava que o surgimento da neurose exige a condição adicional da rememoração da cena sexual traumática ocorrida em um momento anterior, de imaturidade sexual do indivíduo. As três principais neuroses de defesa nesta primeira classificação nosográfica eram a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia. Na histeria e na neurose obsessiva, o conteúdo representativo é afastado da consciência, com o afeto desligado da representação; na paranóia o conteúdo da representação e o afeto são mantidos na consciência, mas são projetados no mundo exterior. *“Sucedee que a paranóia, na sua forma clássica, é um modo patológico de defesa [...] As pessoas tornam-se paranóicas diante de coisas que não conseguem tolerar, desde que tenham a predisposição psíquica característica”*. Mais adiante neste texto diz Freud: *“Portanto, o propósito da paranóia é rechaçar uma idéia que é incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo”* (FREUD, 1895, pp.254 e 256). O conceito de projeção já está também presente nestes textos pré-psicanalíticos. Ainda neste texto, encontramos uma das primeiras menções ao que mais tarde dará origem ao conceito de narcisismo: *“Em todos os casos, a idéia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, intoleravelmente penosa, é rechaçada pelo ego. Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas”* (FREUD, 1895, p.257). Eram também consideradas dentro do grupo de neuroses de defesa a confusão alucinatória e as psicoses histéricas.

Em 1911, Freud publica “O Caso Schreber” (FREUD, 1911-1913), no qual faz a análise do texto autobiográfico “Memórias de um Doente dos Nervos”, do doutor em Direito Daniel Paul Schreber, publicado em 1903. Schreber era considerado

esquizofrênico paranóide por alguns (Bleuer, por exemplo), e paranóico por Freud. O interesse de Freud no estudo deste caso foi motivado por razões teóricas: ao mesmo tempo em que teorizava sobre a psicose, fornecia embasamento para a teoria das pulsões e elaborava a teoria do narcisismo (NASIO, 2000). Este texto mostra também o claro rompimento com a psiquiatria vigente: *“O interesse sentido pelo psiquiatra militante em formações delirantes como estas exaure-se, geralmente, uma vez haja determinado o caráter dos produtos do delírio e feito uma estimativa de sua influência sobre a conduta geral do paciente; em seu caso, maravilhar-se não é o início da compreensão. O psicanalista, à luz de seu conhecimento das psiconeuroses, aborda o assunto com a suspeita de que mesmo estruturas de pensamento tão extraordinárias como estas, e tão afastadas de nossas modalidades comuns de pensar, derivam, todavia, dos mais gerais e compreensíveis impulsos da mente humana; e gostaria de descobrir os motivos de tal transformação, bem como a maneira pela qual ela se realizou. Com este objetivo em vista, desejará aprofundar-se mais nos pormenores do delírio e na história de seu desenvolvimento.”* (FREUD, 1911-1913, p. 28).

São marcantes as contribuições do texto “O Caso Schreber” para a compreensão da psicose e para o desenvolvimento teórico da psicanálise. Os mecanismos em jogo na paranóia, discutidos neste texto, seriam a projeção, o recalque (entendido na paranóia como desligamento parcial ou total da libido ligada a objetos externos) e o narcisismo^{viii}.

Freud, tratando da temática dos delírios, propõe o mecanismo de defesa de projeção, com a famosa “gramática do paranóico”. Os temas principais que ocorrem nos delírios – perseguição, ciúme, erotomania, grandeza – seriam maneiras de negar e deformar a fantasia principal (mediante projeção):

A proposição ‘eu (um homem) o amo’ é contraditada por:

Delírio de perseguição - Eu não o amo. Eu o odeio. Ele me odeia. Ele me persegue. (O perseguidor é alguém que foi outrora amado)

^{viii} Narcisismo, neste texto de Freud, pode ser entendido tanto como fase do desenvolvimento libidinal como mecanismo psíquico.

Delírio de ciúmes - Não sou eu que o ama. Minha mulher o ama

Delírio erotomaníaco - *'Eu não o amo — eu a amo, porque ela me ama*

Delírio de grandeza - *'Não amo de modo algum — não amo ninguém'. 'Eu só amo a mim mesmo'.*

O conceito de narcisismo, introduzido brevemente anteriormente e retomado no texto sobre Schreber, faz sua “estréia oficial” três anos depois, quando é publicado o texto “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”. Freud postula que o desenvolvimento libidinal dos seres humanos implica numa sequência que evolui do estágio de auto-erotismo para um narcisismo primário, onde o amor objetal é narcísico: *“um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos”*(FREUD, 1914, p. 95). A etapa subsequente seria o amor de objeto. Os homossexuais seriam pessoas que transportam características da fase narcísica para a maturidade: *“Essa fase do narcisismo, eqüidistante entre o auto - erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas demoram-se por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estágios posteriores de seu desenvolvimento. [...] As pessoas que se tornaram homossexuais manifestas mais tarde, nunca se emanciparam pode se presumir, da condição obrigatória de que o objeto de sua escolha deve possuir órgãos genitais como os seus. [...]*(FREUD, 1911-1913, p. 83, 84). Nos heterossexuais, as características desta fase seriam sublimadas, desviadas para a camaradagem e amizade entre pessoas do mesmo sexo.

A paranóia surgiria como uma defesa contra uma pulsão homossexual: nos paranóicos, haveria uma fixação na etapa narcísica. A paranóia surgiria como uma defesa contra esta fixação. Uma frustração já na idade adulta causaria uma intensificação da libido, que fluiria regressivamente ao ponto de fixação narcísico (*[...]Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego* (FREUD, 1911-1913, p. 79). Neste movimento, haveria desligamento progressivo da libido investida nos objetos; esta libido seria re-

introjetada no ego, segundo o mecanismo de *narcisismo secundário*. Na sequência deste processo patológico, haveria re-investimento da libido nos objetos do mundo psíquico criado nos delírios. Assim, os delírios aparecem como tentativas de cura, de reconexão com o mundo (as sensações pareceriam estar funcionando – olfato, visão, audição) bem como os sentimentos (investimento da libido em objetos do delírio) *“A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução [...] Podemos dizer então que o processo de repressão propriamente dita consiste num desligamento da libido em relação às pessoas – e coisas – que foram anteriormente amadas . Acontece silenciosamente; dele não recebemos informações; só podemos inferi-lo dos acontecimentos subseqüentes. O que se impõe tão ruidosamente à nossa atenção é o processo de restabelecimento, que desfaz o trabalho da repressão e traz de volta novamente a libido para as pessoas que ela havia abandonado. Na paranóia, este processo é efetuado pelo método da projeção. Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora (FREUD, 1911-1913, p. 77-78).* Nos neuróticos, o investimento da libido ocorreria em objetos de fantasia.

A esquizofrenia foi menos estudada por Freud. A *dementia praecox*, segundo notação de Kraepelin, se diferenciaria da paranóia particularmente no início (ponto de fixação distinto) e no fim (mecanismo diverso do retorno do recalado) no decorrer do processo defensivo. O ponto de fixação seria na etapa auto-erótica: *a regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania), mas a um completo abandono do amor objetal e um retorno ao auto - erotismo infantil. A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranóia e residir em algum lugar no início do curso do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetal. Além disto, não é de modo algum provável que impulsos homossexuais, tão frequentemente – talvez invariavelmente – encontrados na paranóia, desempenhem papel igualmente importante na etiologia dessa enfermidade muito mais abrangente, a demência precoce (FREUD, 1911-1913, p. 84).* A tentativa de cura na esquizofrenia não se daria através de projeção, como na paranóia, e sim por um mecanismo de alucinação. Freud realizou uma investigação das alterações da linguagem na

esquizofrenia (Freud, 1915) e mostrou que, ao contrário do que ocorre na hipochondria, a fala do esquizofrênico dá-se sem formação de símbolos.

Outra importante contribuição do período foi a questão da formação do sujeito. Para Freud, o ego não seria uma instância inata. Para que ele se desenvolva é *necessária uma nova ação psíquica*. O estabelecimento do narcisismo primário é simultâneo à formação do ego. Esta formação do “ego oficial” permitiria uma imagem unificada do sujeito sobre si mesmo, como objeto total, uma vez que na etapa do auto-erotismo haveriam apenas objetos parciais. O narcisismo dos pais projeta-se sobre o narcisismo dos filhos. *“Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo que há muito abandonaram”* (Freud, 1914, p. 97). Os pais cuidam do filho, amam o filho, moldam o filho que passa a se identificar narcisicamente com o que os pais “dizem” que ele é– Sua Majestade, o bebê: eles me amam, eu me amo. Forma-se no psiquismo o ego narcísico e onipotente - o Ego (Eu) Ideal. O desdobramento do ego ideal da origem ao Ideal do Ego – protótipo do Superego. *“Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal [...] O reconhecimento desse agente permite-nos compreender os chamados “delírios” de sermos notados, ou mais precisamente de sermos vigiados, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranóides”* (Freud, 1914, p. 102). A formação do ego, a partir do narcisismo primário, pode ou não dar origem a um desenvolvimento psíquico sadio, não patológico, a depender das vicissitudes que ocorreriam na trama do Complexo de Édipo, teoria elaborada mais detalhadamente na segunda tópica.

Em função do conceito de narcisismo, as psiconeuroses passam a ser subdivididas, a partir de 1915 em dois grupos: psiconeuroses de transferência e psiconeuroses narcísicas (paranóia, esquizofrenia e a melancolia). A denominação “de transferência” enfatizava o fato que nestas psiconeuroses há possibilidade de ocorrer transferência. A denominação “narcísica” é devido a que nesta neurose há retirada da libido sobre o ego (LAPLANCHE, 2004).

As idéias apresentadas por Freud nesta época vão levar á uma nova conceituação teórica, que ficou conhecida como segunda tópica. Os artigos “Neurose e Psicose” e “A perda da Realidade na Neurose e na Psicose”, de 1924, apresentam a nova teorização sobre o tema. Na segunda tópica, junto com as novas instâncias psíquicas (ego, id e super-ego) surge a conceituação de vassalagem: *“No trabalho que mencionei, descrevi os numerosos relacionamentos dependentes do ego, sua posição intermediária entre o mundo externo e o id e seus esforços para comprazer todos os seus senhores ao mesmo tempo. Em vinculação com uma seqüência de pensamento levantada em outros campos, relativa à origem e prevenção das psicoses, ocorreu-me agora uma fórmula simples que trata com aquilo que talvez seja a mais importante diferença genética entre uma neurose e uma psicose: a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo.”*(FREUD, 1923, p.92)

Na neurose, no início, o ego, a serviço da realidade, recalca um impulso instintual. O segundo passo é a volta do recalçado; há o fracasso do recalque. Ocorre em conseqüência um afrouxamento da relação com a realidade (perda de fragmento da realidade neste segundo momento, para reparação do dano causado). Na psicose, a perda da realidade se dá no primeiro momento, arrastando o ego para longe de um fragmento da realidade. A segunda etapa seria uma tentativa de reparar a perda da realidade, pela criação de uma nova realidade. Ambas servem ao id, que não se deixará ditar pela realidade. Assim, na neurose, o ego, em sua dependência da realidade, suprime um fragmento do id. Há na neurose a predominância da influência da realidade. A fuga da realidade não é inicial; o fragmento da realidade indesejável é evitado por uma espécie de fuga (os sintomas). A realidade não é repudiada, é ignorada.

Na psicose, o ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade. Na psicose, o Id predomina. A fuga da realidade é inicial, esta fuga é depois remodelada e substituída por outra realidade: *“Recentemente, seguindo linhas inteiramente especulativas, cheguei à proposição de que a diferença essencial entre a neurose e psicose consistia em que, na primeira, o ego, a serviço da realidade, reprime um fragmento do id, ao passo que, na psicose, ele se deixa induzir, pelo id, a se desligar*

de um fragmento da realidade (FREUD, 1927, p.158). Este desligamento do ego na psicose dá origem ao delírio, como tentativa de cura: “Com referência à gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do eu com o mundo externo”(FREUD, 1924, p. 191).

Na segunda tópica a neurose é resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo .

A segunda tópica apresenta também a trama da escolha objetal e do jogo identificatório dentro do Complexo de Édipo. Frente á ameaça de castração o menino deve realizar uma escolha (FREUD, 1924a). O conflito se estabelece entre o interesse narcísico da criança ou o investimento libidinal nos objetos parentais. Em geral os interesses narcísicos prevalecem e os investimentos de objeto são abandonados e substituídos por uma identificação. A autoridade do pai (pais) é introjetada no ego e forma o núcleo do super-ego, que toma emprestado o rigor do pai, perpetua seu interdito do incesto e assim assegura o ego contra o retorno dos investimentos objetais de objeto. O Complexo de Édipo, assim, se dissolveria. Diz Freud: *aqui encontramos a linha fronteira entre o normal e o patológico, nunca nitidamente traçada. Se não se realizar senão um recalçamento do Complexo de Édipo, pois então este ultimo sobrevive no ICs e manifestará seu poder patogênico (FREUD, 1924a, p. 197).* No caso então, de recalçamento do Complexo de Édipo, teríamos a neurose. Há contudo uma terceira possibilidade, que Freud aborda nos últimos escritos retomando a questão da psicose, em conexão com o Complexo de Castração: *...Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição, por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta desfazer-se do medo. [...] Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que o instinto (pulsão) conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego (eu), a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. As duas*

reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão do ego (Ichspaltung).(FREUD, apud FREIRE, 1998, p. 104).

A conceituação de neurose e psicose no âmbito da segunda tópica causa uma nova reformulação na nosografia freudiana. A evolução do conceito de neurose e psicose na nosografia psicanalítica pode ser esquematizada no quadro abaixo (LAPLANCHE, 2004, p. 298):

Quadro I - Nosografia psicanalítica

| | | | | |
|-----------------------------|--------------------------|--|--|----------|
| 1915 | Neuroses atuais | Psiconeuroses De transferência narcísicas | | |
| 1924 | Neuroses atuais | Neuroses | Neuroses narcísicas | Psicoses |
| Classificação contemporânea | Afecções psicossomáticas | Neuroses | Psicoses Maníaco-depressivas paranóia e esquizofrenia | |

CAPÍTULO IV - “FUGA PARA A ESCURIDÃO”

Neste capítulo, apresentamos e discutimos a novela de Arthur Schnitzler “Fuga para a escuridão” (SCHNITZLER, 1931/1987). O capítulo inicia com uma breve sinopse, seguida de alguns dados sobre a obra. São também apontados os elementos que permitem evidenciar a presença de conceitos psicanalíticos freudianos sobre a psicose na novela.

IV.1 Sinopse da novela “Fuga para a escuridão”

A novela apresenta o percurso psíquico do personagem principal, Robert, rumo à loucura.

Robert, 43 anos, funcionário público, é viúvo e sem filhos. Tem os nervos frágeis. Seu irmão mais velho Otto, idolatrado por Robert, é médico psiquiatra, renomado, casado, com filhos. É também médico (porém de duvidosa competência), além de amigo, o Dr. Leimbach, que cuida, junto com o irmão, da saúde de Robert. A novela se inicia com Robert ao final de uma viagem de recreio de seis meses, para recuperação de uma depressão. De retorno a sua cidade, Viena, hospeda-se num hotel, e lhe é destinado o mesmo quarto que fora ocupado, alguns anos antes pela amante de um amigo, que falecera de demência incurável, após um ataque de loucura, conforme Otto previra poucos dias antes deste acontecimento. Por temor que o mesmo lhe sucedesse, Robert faz um pacto com Otto; pede a ele que o mate caso Otto o considerasse também acometido de doença mental. Para confirmar o pedido, entrega-lhe uma carta, reafirmando a solicitação.

Quatro relações amorosas aparecem explicitamente na novela: a ex-amante Alberta, a falecida esposa Brigitte, um breve caso com uma pobre professora de piano e sua amada atual, a noiva Paula. Robert passa a ter dúvidas sobre o

desaparecimento ou morte das duas primeiras. Pensa que talvez as tenha matado. Pensa que desconfiam dele.

Já no final da novela, por duvidar da sanidade mental do irmão mais velho, Robert pede a Otto que a devolva a carta. Otto devolve, mas Robert desconfia que podem haver cópias. É necessário fugir, antes que seja tarde. Robert foge. Seu irmão Otto o encontra num quarto de hotel, numa pequena cidade. Otto estende seus braços para abraçar Robert. Robert atira, Otto morre. Robert foge para a escuridão. É encontrado morto três dias mais tarde.

IV.2 Sobre a novela

A obra “Fuga para a escuridão” foi publicada em 1931, ano da morte de Arthur Schnitzler. Contudo, começou a ser escrita em 1912 (RUDENT, 1996). Em 9 de maio de 1913, Schnitzler anotou em seu diário que ... *por compaixão, um certo barão Grimburg matou seu irmão que estava ficando louco. Primeiro boato: o louco mata seu irmão. Isto são os jornais – É a novela que estou escrevendo* - O escritor se maravilha que sua imaginação tenha antecipado os acontecimentos.

Nas anotações realizadas em seu diário passa a se referir a esta novela (que mudará muitas vezes de nome no período 1912-1931) como “a novela da loucura”. A primeira versão fica pronta em 1913, e uma segunda revisão estaria completa em 1917. Neste ano, ele rele as conferências psiquiátricas do Prof. Meynert, e torna-se amigo de Theodor Reik que participava do círculo de psicanalistas, das reuniões de quarta-feira e o informava das “novidades” da área.

Dois anos antes, em 1911, Freud havia publicado “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia”, o famoso “Caso Schreber”. Ao que é do nosso conhecimento, não há nenhuma evidência que Schnitzler tenha lido este caso, ou o texto original de Schreber “Memórias de um doente de nervos”, publicado em 1903. Contudo, cabe mencionar alguns aspectos que aproximam a novela “Fuga para a escuridão” do “Caso Schreber”. Trata-se, nos dois casos, da descrição da trajetória de uma pessoa rumo á loucura. O personagem principal da

novela (Robert) é, como Schreber, funcionário público (conselheiro seccional). Foi casado, mas não teve filhos. Ambos passam uma temporada afastados, para recuperação, após uma primeira crise. Nos dois casos, existem dois períodos de remissão. A figura do médico (Dr. Leinbach na novela) é muito presente, e apresentada por vezes como salvadora, por vezes como perseguidora. Freud considera que a figura do médico (Dr. Flechsig no Caso Schreber) representa também o pai e o irmão mais velho (*Se o perseguidor Flechsig fora uma pessoa a quem Schreber amara, então também Deus deveria ser o reaparecimento de alguém mais que ele amara... seremos levados á conclusão que esta outra pessoa deve ter sido seu pai; isso torna ainda mais claro que Flechsig deve ter representado o irmão que, esperemos, pode ter sido mais velho que ele próprio. (FREUD, 1911-1913, p.58)*). Na novela, o irmão, que também é médico, tem papel preponderante.

A partir de 1913, começa o “polimento” da novela. Anota no diário, em 29 de junho de 1917: *reli “Demência (título da obra na ocasião) inteira; desgostoso; me absterei de publicá-la.*

Segundo os prefaciadores da novela na edição francesa, a hesitação de Schnitzler em publicar “Fuga para a escuridão” está relacionada ao tema. A novela, por um lado, seria o “retorno do recalcado”, e desvelaria as relações ambivalentes existentes entre Schnitzler e seu irmão Julius, médico bem estabelecido, renomado além de casado e pai de família: *o escritor se sentiria inconscientemente culpado por sentir pulsões de morte com relação ao caçula que, aos olhos do pai, teria tido maior êxito (RUDENT, 1996, p. 362)*. A presença de doenças mentais em sua família também contribuiria para a sensação de descontentamento com o tema. Outro aspecto que desagradaria ao escritor seria o fato que a novela se pareceria extremadamente a um caso clínico, o que feriria a sensibilidade estética de Schnitzler, que se considerava um escritor clássico, *goethiano*.

Segundo Weiss (WEISS, 1968), ao longo da história, Robert apresenta 15 sinais/sintomas que permitem o diagnóstico de esquizofrenia (tipo paranóide). Alguns dos sintomas coletados por Weiss são enumerados abaixo, juntamente com trechos selecionados da novela onde estes sintomas aparecem.

- Ptose ocular^{ix} histérica (*Estava prestes a se afastar, satisfeito, quando de dentro do vidro turvo um olho alheio pareceu observá-lo enigmaticamente. Inclinou-se para a frente e julgou perceber que a pálpebra esquerda pendia mais do que a direita*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 212)

- Hipocondria (*Robert exigiu do irmão que este, se alguma vez, num futuro próximo ou longínquo, descobrisse nele os indícios de uma doença mental, o transportasse da vida para a morte sem delongas e da forma mais rápida e indolor possível, usando aqueles meios que são do conhecimento médico. Otto de início caçou-o, chamando-o de hipocondríaco incorrigível...*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 214).

- Depressão (*Estaria destinado a voltar para casa tão deprimido quanto partira e irrompia agora, após alguns momentos bons e livres dos últimos meses, aquilo de inconcebível de ser expresso em palavras, que parecia anunciar, com obscura ameaça, algo ainda pior?*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 209).

- Sentimento de desrealização (*Veio-lhe a sensação de que o momento que vivia agora tinha, na realidade, passado há muito tempo e ele... era uma imagem que se dissipava na memória*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 207).

- Ambivalência afetiva (com relação ao Dr. Leinbach, por exemplo: *A chegada de Leinbach, que como pai de família e médico muito atarefado era raramente visto ali, significou uma agradável surpresa para Robert* (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 218) e *Uma figura dúbia, esse Leinbach, e como médico não podia ser levado a sério*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 222) ou *O que ele estava vivenciando não era outra coisa senão um exemplo a mais do lúgubre vaivém de seus sentimentos, os quais podiam oscilar, frente à mesma pessoa, de uma ternura pronta para o sacrifício e uma paixão avassaladora ante a rejeição, o desgosto, a ira, a fúria o desejo de morte*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 251).

^{ix} Ptose palpebral é a condição em que a margem da pálpebra superior está situada em um nível mais baixo que o normal, na posição primária do olhar, cobrindo mais do que 2 mm superiores da córnea (definição de Mário Luiz Ribeiro Monteiro, disponível em <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=1596>, consultado em 17/04/2011)

- Conhecimento e perda de sua própria condição mental (*Irrompia agora..aquilo de inconcebível, dificilmente exprimível em pensamentos e impossível de ser expresso em palavras, que parecia anunciar, com obscura ameaça, algo ainda pior*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 209).

- Distraibilidade progressiva (*esquecimento de trancar a porta – mais este sinal de distração*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 205).

- Embotamento afetivo evidenciado por respostas emocionais inapropriadas (*sentia como se estivesse em desarmonia com o presente: céu, mar e ar haviam se tornado estranhos, frios e distantes e um instante em flor murchava mesquinamente*) (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 207).

- Ilusões paranóicas : (jantar em casa do irmão Otto. Há um convidado que Robert não conhecia, um professor colega de Otto) *Cogitou na possibilidade de que Otto, não mais confiante na agudeza de seu olhar, neste caso particular, tivesse pedido ao colega que observasse Robert disfarçadamente.* (SCHNITZLER, 1931/1987, p. 267).

Estes sintomas seriam completos, ou seja, nenhum sintoma estaria em desacordo, e todos os sintomas estariam presentes, segundo a classificação de Kraepelin para a *dementia praecox* (mais tarde renomeada por Bleuer como esquizofrenia).

IV.3 Sobre a presença de conceitos psicanalíticos freudianos sobre a psicose na novela

Nesta seção, abordaremos alguns aspectos presentes na novela “Fuga para a escuridão” que indicam uma possível influência de conceitos freudianos na narrativa. Não é nossa intenção provar esta influência, nem esgotar o assunto. Nem demonstrar cabalmente a presença de Freud em Schnitzler. Só apontar.

Conforme mencionado na Introdução, do ponto de vista formal, optamos por realizar esta análise baseando-nos parcialmente na estrutura literária apresentada

por J.D. Nasio no livro *Os grandes casos de psicose* (NASIO, 2000). Os parágrafos em itálico no texto a seguir foram extraídos da obra de Freud, e sua inserção tem por função comentar e explicitar a influência das idéias freudianas na novela.

Um caso de A. Schnitzler:

Rumo à loucura

O que é um caso? ... O que distingue um caso de outros textos didáticos? Sua particularidade prende-se a isto: ele transmite a teoria, dirigindo-se à imaginação e à emoção do leitor. Imperceptivelmente, o jovem clínico aprende a psicanálise de maneira ativa e concreta.... O caso se apresenta como uma fantasia em que voejamos livremente de um personagem para outro, no seio de um mundo virtual, estando dispensados de qualquer confronto direto com a realidade.

Que é um caso? Em *Os grandes casos de psicose*, J.D. Nasio

Exortamos o leitor a ler este capítulo referindo-se ao texto de Arthur Schnitzler "Fuga para a escuridão"

Estamos no início do Século XX, num quarto modesto de uma hospedaria, em uma pequena vila da Áustria. Otto é encontrado morto, com um tiro no coração. Na escrivaninha, as folhas de papel relatam a vida de seu assassino, a vida de seu

irmão Robert, desde o tempo em que eram crianças. As últimas palavras escritas foram:

“Intuição de ter parte da culpa na loucura de meu irmão. Nós dois, talvez, apresentamos manifestações de uma mesma idéia divina. Um de nós necessitava ir para a escuridão. A condenação recaiu sobre ele, embora antes a balança pendesse para o meu lado”.

O corpo de Robert foi encontrado três dias mais tarde, em uma escarpa, distante sete boas horas de caminhada da hospedaria. Não se saberá jamais se Robert teria pulado ou caído. A propósito destas mortes, seu médico, Dr. Leinbach, afirmou que “intuições são sequências de pensamento no inconsciente”.



(Tentaremos empreender uma breve descrição do ato criminoso, e dos antecedentes. Além disto, juntamente com os leitores, tentaremos compreender quem eram Otto e Robert, destacando o que caracterizou clinicamente o ato deste último.)

O ato criminoso

Robert havia fugido às pressas de Viena, para se esconder de seus perseguidores, principalmente de seu irmão Otto. Robert considerava que Otto tinha enlouquecido, e que em sua loucura, Otto o estaria perseguindo, para interná-lo (a ele, Robert) em um manicômio. Otto, médico, já havia feito isto anteriormente com um amigo comum, fato que, na ocasião, fez com que Robert escrevesse uma carta, autorizando seu irmão a utilizar os meios que estivessem á seu alcance, enquanto médico, para acabar com a vida de Robert, caso ele, Robert, enlouquecesse. Robert sabe que Otto sabe onde ele está. Virá ao seu encontro: Robert o atraiu em seu encaço. Robert acha que Otto acha que chegou a hora em que será obrigado a cumprir sua palavra: Robert corre o mais terrível dos perigos e o jogo está perdido para ele!

Paranóia

Eu (um homem) o amo (um homem).

a) Delírio de perseguição

Eu não o amo – eu o odeio: ele me odeia, ele me persegue.

Otto chega ao quarto, estende seus braços para abraçar Robert e assegurar-lhe seu carinho fraternal. Robert sente as mãos frias em seu pescoço. É chegado o instante em que todas as leis humanas e divinas permitem, exigem até, a defesa por qualquer meio. Robert atira, Otto morre. Concluído o crime, e sem ter consciência do que havia acontecido, Robert corre para a frente, cada vez mais longe, nada dentro de si a não ser a vontade de nunca recobrar o uso da razão.

... Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa

psicose que só pode ser qualificada como “confusão alucinatória” (FREUD, 1894, p. 64)

Os irmãos

Otto é o irmão mais velho. Casado, dois filhos, médico, é a personificação do bom burguês: bom marido, bom pai, bom profissional. Não parece ter vida interior. Robert o adora.

A pessoa agora odiada e temida, por seu um perseguidor, foi noutra época, amada e honrada (FREUD, 1911-1913, p.50)

Para Robert, o vínculo fraterno é mais importante do que o vínculo com os pais, mais durável e mais natural. Todas as outras relações de sua vida, tanto as já encerradas como as ainda existentes – até seu casamento precoce com uma mulher exemplar, falecida há tempos- queriam parecer laços de hierarquia inferior; e a cada dia acreditava reconhecer com maior convicção que o vínculo entre os irmãos era o ganho mais puro e valioso de sua existência; aquela relação ficava livre das turvações que, surgindo inesperadamente de escuros abismos da alma, costumam aparecer como nuvens entre o homem e a mulher.

“Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ideal do ego, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal... O reconhecimento desse agente permite-nos compreender os chamados “delírios” de sermos notados, ou mais precisamente de sermos vigiados, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranóides”(FREUD, 1914, p.102)

Robert é funcionário público. Avesso ao trabalho, ausenta-se inúmeras vezes por motivo de doença, ou por outro motivo qualquer. Robert é hipocondríaco.

“Não devo deixar de observar, nesse ponto, que não considero fidedigna nenhuma teoria da paranóia, a menos que também abranja os sintomas hipocondríacos pelos quais esse distúrbio quase invariavelmente se faz acompanhar. Parece-me que a hipocondria está para a paranóia, na mesma relação que a neurose de angústia está para a histeria”. (FREUD, 1911-1913. Nota de rodapé, p. 65)

Recentemente ficou afastado, por seis meses para tratamento de depressão. Recuperado, volta a Viena para tentar assumir seu lugar na sociedade. Na volta, no trem, uma palavra se começou a ressoar em seu interior, cujo sentido de início ele não se permitia confessar; e propositalmente, Robert murmurou esta palavra uma, dez, cinqüenta vezes, como se assim ele pudesse roubar-lhe seu significado e sua força. E, de fato, esta palavra começou a se tornar aos poucos mais vazia e insignificante, e no fim não era mais que uma sequencia causal de algumas letras do alfabeto.

“Nos esquizofrênicos observamos – especialmente nas etapas iniciais, tão instrutivas – grande número de modificações na fala, algumas das quais merecem ser consideradas de um ponto de vista particular. Freqüentemente o paciente devota especial cuidado à sua maneira de se expressar, que se torna “afetada e preciosa”. A construção de suas frases passa por uma desorganização peculiar, que as torna incompreensíveis

para nós, a ponto de suas observações parecerem disparatadas.” (FREUD, 1915, p. 225)

As mulheres

Robert foi casado, mas sua primeira mulher, Brigitte, faleceu. Todos pensavam que o casamento era unido, e ele também, pois mostrava ternura, mesmo na intimidade. Mas sofria, desde o início. Quantas vezes se revoltou interiormente contra a tirania muda que exercia sobre ele a tocante ternura de Brigitte, quantas vezes lamentou sua maravilhosa liberdade de solteiro, que ele sacrificou por esta escravidão benigna, mas irremediável! Como morrera realmente? Onde estava a prova de que Brigitte de fato teria sucumbido a um ataque de coração e não a um veneno, que lhe fora ministrado perfidamente? Como ele teria arrumado este veneno, como o teria ministrado, se o misturara com sua bebida noturna, se a obrigara a sorve-lo – de tudo isso ele naturalmente não poderia prestar contas a si mesmo.

Ambivalência: Presença simultânea na relação com o mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio. (LAPLANCHE, 2004, p. 17)

Teve uma amante regular, que o trocou, com seu apoio, por um americano. Teria Alberta viajado, ou ele a teria matado? Com a esperteza de um criminoso nato, fizera ainda outras coisas para apagar, até se tornarem irreconhecíveis, os rastros do seu ato. Tudo isso era muito plausível, muito mais, era provável. De que outra forma poderia ser entendida a inconcebível lacuna em sua memória, que se estendia daquela hora noturna da despedida até sua partida na manhã seguinte a não ser pela tentativa inconsciente, e até agora bem sucedida, de esquecer o ato monstruoso, cuja lembrança era demasiado insuportável para ele?

Recalque- operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – susceptível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. (LAPLANCHE, 2004, p. 430)

Sua vida amorosa atual incluiu apenas um encontro sexual com uma mulher pobre, faminta e solitária; esta com certeza ele não matou; seu recente noivado com uma mulher adequada, de classe média ocupa a maior parte de seu tempo e pensamentos. Ao lado da noiva Paula, Robert imagina uma relação feliz e duradoura; poderia até confiar os crimes, caso os tivesse cometido. Recentemente, sua noiva lhe perguntou se ele “não se ocupava um pouquinho demais consigo mesmo”.

([...]Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego)(FREUD, 1911-1913, p.79)

Os fatores desencadeantes do crime

Quais poderiam ter sido os fatores desencadeantes do crime? O casamento se aproximava, e isto implicaria assumir, definitivamente, sua posição no mundo burguês: trabalho, horários, filhos talvez. Robert, enquanto indivíduo frágil, não agüentou as tensões impostas pelas forças externas, cuja autoridade ele tinha internalizado, mas que não podia obedecer.

“Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição, por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subseqüentemente tenta desfazer-se do medo. [...] As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão do ego.”(FREUD,S. apud Freire, 1998, p. 104)

.....

IV.4 Comentários

A novela “Fuga para a escuridão” apresenta com maestria o desenvolvimento da paranóia, com o protagonista apresentando diversos sinais e sintomas característicos da patologia. Para além da presença e da exatidão destas características, esperadas em um escritor com formação em psiquiatria, o enredo da novela articula-se em torno de uma linha principal, essencialmente freudiana: no delírio de perseguição característico da paranóia, o perseguidor foi alguém anteriormente amado. É o mecanismo de projeção que está em jogo. O perseguidor é seu irmão, adorado. A “gramática da paranóia” é exemplarmente utilizada na novela.

A influência de outros conceitos freudianos na novela está claramente presente: recalque, inconsciente, ambivalência, narcisismo. Nada é dito explicitamente sobre uma possível pulsão homossexual, que Freud considerava como um fator determinante no surgimento da paranóia. Porém, é sabido que Schnitzler criticava alguns aspectos da psicanálise, em particular a “monomania” de atribuir significados sexuais a todos os aspectos da vida. Seria possível estender o presente estudo no sentido de buscar outros elementos freudianos na novela. Mas uma análise não pode ser interminável.

Como Freud, o olhar de Schnitzler para a doença mental é um olhar que busca não a doença, mas a subjetividade do doente. Schnitzler nos faz entrar no psiquismo do personagem: torcemos, sofremos com ele, e passamos também a duvidar: e se a água estivesse mesmo envenenada? E se Brigitte realmente foi assassinada? E se Otto ...

“Na condição de médico-autor, Schnitzler buliu na alma humana, auscultou os sentimentos mais secretos e as perversidades mais doentias do homem. Schnitzler foi um mestre no domínio da língua e mostrou-se capaz de expressar na superfície morta da letra o âmago mais vivo do ser. Jamais prescreveu receitas, mas foi preciso – e genial – nos diagnósticos” (BACKES, apud TAVARES, 2007, p. 107).

CAPÍTULO V – COMENTÁRIOS FINAIS

Segundo Tavares (2007), o diálogo entre Psicanálise e Literatura tem duas abordagens: uma aditiva que “acrescenta sentidos ao texto literário a partir da investigação analítica” e outra extrativa que “resgata do texto literário a particularidade que pode nutrir a psicanálise”. Na primeira vertente estariam trabalhos de Freud como “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen”, e na segunda vertente estaria a contribuição de trabalhos como “Édipo Rei”, de Sófocles, na construção da Psicanálise. Podemos dizer que no presente trabalho, buscou-se explorar a vertente aditiva. Foi realizado um estudo introdutório sobre a presença de elementos da teoria freudiana da psicose na obra do escritor vienense Arthur Schnitzler. O trabalho foi focado em uma obra em particular: “Fuga para a escuridão”, que apresenta a trajetória psíquica do personagem principal, rumo à loucura.

Buscou-se também apontar elementos da biografia do escritor que evidenciassem seu contato com a psicanálise, na época em elaboração por Freud. Para que pudesse ser evidenciada a influência na obra de Schnitzler das teorias freudianas sobre a psicose, alguns elementos da teoria desenvolvida por Freud foram abordados.

Schnitzler é um escritor pouco conhecido no Brasil. Sua obra mais conhecida é “Breve Romance de sonho” (no original “Traumnovelle”), por ter sido a obra na qual o diretor Stanley Kubrick baseou-se para desenvolver o roteiro do filme “De Olhos Bem Fechados” (“Eyes Wide Shut”, EUA/1999).

No início deste trabalho, poucas eram suas obras editadas no Brasil: “Breve Romance de Sonho”, “Crônica de uma vida de Mulher”, “Retorno de Casanova”, “Aurora”, “Contos De Amor e Morte”, “Senhora Beate e Seu Filho”, e “Senhorita Else” (os cinco últimos esgotados). No início de 2011, e em comemoração aos 80 anos de morte do escritor foi anunciado o lançamento da coleção “As Grandes Obras de

Arthur Schnitzler”^x, coleção que consistirá em 14 volumes reunindo contos, novelas, peças, romances bem como a autobiografia “Uma Juventude Vienense”.

Como recomendação para trabalhos futuros, ainda na temática da psicose, outras histórias de Schnitzler que apresentam tipos psicóticos poderiam ser analisadas. No conto “Meu amigo Ypsilon”, por exemplo, Schnitzler descreve a trajetória de um escritor que, obcecado com a história que escreve, perde contato com a realidade e se funde com seu enredo. Em “Senhorita Else”, Schnitzler descreve uma jovem que se vê obrigada a tomar uma decisão conflituosa, por exigência familiar. Acompanha-se ao longo da história (que se passa em poucas horas) a evolução de seus conflitos, suas dúvidas e, novamente, a perda de contato com a realidade e o suicídio.

Diversos outros temas de interesse da Psicologia poderiam ser abordados na obra de Schnitzler:

- o incesto, tema do conto “Senhora Beate e Seu Filho”,
- o suicídio, presente em diversas histórias de Schnitzler,
- Viena *fin-de-siècle*, tema de “Viena ao Crepúsculo”

- o conceito de estranho e duplo em Freud, na obra “O estranho” (1919). O tema se justifica porque, por um lado, Freud em carta a Schnitzler, o chama de seu duplo. Por outro, um conjunto de histórias de Schnitzler, como “O destino do barão de Leisenbohg” e “A profecia”, abordam o inesperado, o mágico, o sobrenatural.

^x Edição organizada pelo escritor, tradutor e crítico Marcelo Backes, pela editora Record.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLETTINI, Lorenzo, Freud's Contribution to Arthur Schnitzler's Prose Style. *Rocky Mountain Review*, , p. 11-27, fall 2007, disponível em <<http://rmmla.wsu.edu/ereview/61.2/articles/bellettini.asp>>, acessado em 29/05/2010.

BOLETIM [s.a] Schnitzler's hidden manuscripts explored, *Research Horizons*, Abril 2007, volume 3, disponível em <<http://www.researchhorizons.cam.ac.uk/features/schnitzler-s-hidden-manuscripts-explored.aspx>>, consultado em 01/03/2011

BACKES Marcelo, Notas sobre a alma humana - Os 70 anos da morte de Arthur Schnitzler disponível em <www.marcelobackes.com/Ensaios/notas_almahumana.htm>, [s.d.]

BRANDES George apud TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. *Freud e Schnitzler: Sonho sujeito ao olhar*. São Paulo: Annablume. 2007

CARDONI, Vera Regina, *A estética da transitoriedade - Arthur Schnitzler e Sigmund Freud*, Dissertação de mestrado, UFRGS, 2003.

FREIRE Joyce M. Gonçalves (1998) Uma reflexão sobre a psicose na teoria freudiana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. I, no. 1, pp. 86-110.

FREUD, Sigmund (1895). Rascunho H. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, Sigmund (1894). As neuropsicoses de defesa In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. III. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1900 [1899]). A interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. IV/IV. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente* In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.VIII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1911-1913). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1914). “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1915). O Inconsciente In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1919). O estranho In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol.XVII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1924). Neurose e psicose In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1924a) A dissolução do complexo de Édipo In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund (1927). O Fetichismo In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Gay, Peter. *Freud - Uma Vida Para O Nosso Tempo*, Companhia das Letras, 1989

GAY, Peter. *O Seculo De Schnitzler - A Formação Da Cultura Da Classe Média*, Companhia das Letras, 2002

KON Noemi Moritz, *Freud e seu duplo* Revista BRAVO, Agosto/ 2008, disponível em http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmatéria_292526.shtml, acessado em 20/02/2011.

KON Noemi Moritz, *Freud e seu duplo - Reflexões entre psicanálise e arte* Edusp/Fapesp, São Paulo, 1996.

HERZOG, Hillary Hope. *Medizin ist eine Weltanschauung: On Schnitzler's Medical Writings*, in: LORENZ Dagmar C.G (ed.) *A companion to the works of Arthur Schnitzler*, Columbia: Camden House, 2003.

LAPLANCHE J. e PONTALIS, J.S. *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOPES JL, *A psiquiatria na época de Freud*. *Rev. Bras. Psiquiatria* 2001; 23(1):28-33

MACEDO Mônica Medeiros Kother. org., *Neurose: leituras psicanalíticas*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001

MEZAN, Renato, *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense / CNPq, 1985.

NASIO J. -D., *Os grandes casos de psicose*, Zahar, RJ, 2000.

PFERSMANN, Andréas, *Le jardin secret de ton âme - L'intime selon Freud et Schnitzler*, (Université de Nice-Sophia Antipolis), disponível em www.univ-paris-diderot.fr/clam/fiches/pfersmann.htm, [s.d.] , acessado em 10/05/2011

PINHEIRO Nadja Nara Barbosa et AL. Corpo/psique e pulsão: Reflexões clínicas a partir do primeiro Freud, *POLÊMICA Revista Eletrônica*, 2009, disponível em <[http://www.polemica.uerj.br/8\(4\)/artigos/lipis_1.pdf](http://www.polemica.uerj.br/8(4)/artigos/lipis_1.pdf)>, acessado em 25/05/2010.

POLIDORI, Sara. Schnitzler e Freud: tra letteratura e psicoanalisi. *Didattica & Ricerca*, 2004-2005, disponível em <www.psicoart.unibo.it/Interventi/Interventi%20Polidori.pdf> acessado em 10/01/2011

RUDENT Brigitte Vergne-Caine Gerard, prefácio de “L’Appel des ténèbres” em Arthur Schnitzler, Roman ET Nouvelles II, La Pochotèque, 1996

SAUVAT Catherine , *Arthur Schnitzler*, Fayard, Paris, 2007

SCHNITZLER, Arthur (1931/1987) *Fuga para a escuridão* (Flucht in die Finsternis) em Contos de Amor e Morte. Tradução de George Bernard Sperber, seleção e apresentação de Wolfgang Bader, São Paulo: Companhia das Letras, 1987,

SCHNITZLER Arthur. *Une jeunesse Viennoise*. Paris :LGF/Livre de Poche, 2003

SEVCENKO Nicolau, *A arte política de Schnitzler e Kubrick* , Jornal "Folha de São Paulo", domingo, 05 de setembro de 1999), disponível em <http://www.oocities.org/spaprado/artepolitica.html>

SIMANKE, R.T. *A formação da teoria freudiana das Psicoses*, RJ: Ed. 34, 1994.

STILES Anne, Physician or Svengali? Sigmund Freud and Arthur Schnitzler on the Ethics of Hypnotic Therapy. *New German Review* 20 (2004-2005): 60-73.

TAVARES, Pedro Heliodoro de Moraes Branco. *Freud e Schnitzler: Sonho sujeito ao olhar*. São Paulo:Annablume. 2007.

WEISS, Robert O. The Psychoses in the Works of Arthur Schnitzler. *The German Quarterly*, 1968; 41(3): 377, disponível em www.jstor.org/stable/403095, acessado em 14/03/2010.